

Análises

O que vem mudando na produção de leite do Brasil?

 03/05/2022 1 COMENTAR



José Luiz Bellini Leite
Lorildo Aldo Stock
Bruna Ruback

A pecuária leiteira nacional **não foge ao padrão observado no mundo de modernização acelerada e transformações**. A tradicional atividade de produção de leite evoluiu ao longo das décadas e vem apresentando mudanças na maneira como é executada.

Ocupando espaço entre os quatro maiores produtores de leite do mundo, **o Brasil está passando por um processo que pode ser considerado de transição**, quando comparado com a jornada pecuária de países como Estados Unidos e Nova Zelândia, países estes que também disputam um dos lugares entre os maiores do ranking de produtores e exportadores de leite.

A maneira de produção de leite, voltada para subsistência, não é mais a predominante em termos de abastecimento do mercado. A pecuária está caminhando para concretização de um sistema profissional, de escala, competitivo e que vem incorporando tecnologias cada vez mais intensivas de conhecimento e sofisticadas. Estas afirmativas podem facilmente ser constatadas a partir dos dados das tabelas seguintes.



Estrato L/Faz/dia	Quantidade de Fazendas (num)					Variação (%)	
	1996	2006	2017	2019	2021	1996/2006	2006/2021
< 100	1.713.125	1.179.487	969.852	947.237	937.151	-31,15	-20,55
100 - 400	87.113	146.715	160.076	155.549	142.949	68,42	-2,57
400 - 2000	9.511	23.400	42.337	44.597	44.587	146,03	90,54
>2000	293	1.200	3.991	4.612	5.055	309,56	321,25

Fonte: IBGE e Embrapa Gado de Leite. (2021 – projeções da Embrapa Gado de Leite)

Conforme se vê na tabela 1, **existe um movimento contínuo de redução do número de produtores de leite no estrato até 100 litros**, com previsão de redução para menos de 937 mil em 2021, correspondendo a 45,3% de redução em relação a 1996. Esses produtores podem ter deixado a produção, como muitos acreditam, mas podem também ter crescido a escala e passado para estratos superiores. Destaca-se que o estrato até 400 l/faz/dia tem crescimento positivo até 2017, quando experimenta reduções contínuas atingindo 2,6% em 2021, comparado à 2006, podendo indicar que esta escala de produção passou a não ser suficiente para manter os produtores na atividade.

Os dados de 2021 fortalecem a hipótese de que será preciso aumentar a escala para continuar na atividade. Isto porque, considerando que a queda no extrato até 100 em 2006 é maior em valores absolutos (533.638 produtores) que o aumento do extrato até 400, no período 1996-2006, parece razoável inferir que alguns produtores de até 100 litros lograram êxito em aumentar a escala de produção e uma boa parte deixou a atividade. Mesmo que todo o aumento do extrato até 400 litros/dia tenha sido provido por produtores que aumentaram sua escala, o que não parece ser o caso, o número de excluídos nesse segmento foi bastante acentuado. A partir de 2017, o processo de exclusão de produtores inclui produtores de 400 l/faz/dia, como mencionado, sendo constante para extrato até 100 litros/dia em todo o período estudado. Este fato materializa a assertiva que fazendas que produzem até 400 litros por dia vêm diminuindo, abandonando a atividade ou crescendo em escala.

Os produtores de **menor volume de produção enfrentam dificuldades na compra de insumos**, pagando maiores preços e também têm sua remuneração menor por conta da escala reduzida.



preços mais baixos, forçando-os ao crescimento, abandono da atividade, ou suportar condições de sobrevivência e empobrecimento. Além das dificuldades advindas da baixa escala de

produção, **esses produtores não possuem acesso à assistência técnica profissional e continuada** que possa ajudá-los na tomada de decisão sobre adoção de tecnologias. Por serem cada vez mais complexas e mais sofisticadas, as tecnologias exigem assistência técnica para seu manejo e para o progresso de produtores de qualquer escala, sendo imprescindível para os pequenos e médios produtores, notadamente aqueles com menor acesso à informação e ao conhecimento técnico. Maior escala implica em tecnologias mais eficientes, fechando assim um ciclo vicioso para os produtores de baixa escala de produção.

Para tornar a situação dos dois estratos de menor produção ainda mais desafiante, eles **perderam relevância no abastecimento do mercado**, sendo responsáveis por apenas 45.9% em 2021, contra mais de 85% em 1996, segundo estimativas da Embrapa Gado de Leite. Perder relevância no abastecimento do mercado significa perder poder político e de barganha com os entes públicos e privados de poder na cadeia de valor.

Destaca-se que o número de produtores nos dois estratos de maior produção cresceu de forma decrescente para o estrato de 400 – 2000 e cresceu de forma crescente no de maior que 2.000 litros por dia. **Isto pode estar sinalizando que o estrato de até 2000 litros/faz/dia pode estar atingindo limites adequados de escala**, conforme indicado se compararmos a quantidade de produtores em 2019 com 2021 - tabela 1. Todavia, em ambos estratos, houve crescimento do número de produtores de forma intensa e persistente, em todo o período estudado. Os ganhos de escala proporcionam maiores retornos sobre o capital investido, mesmo na presença de margens menores, notadamente em períodos como os vivenciados nestes dois últimos anos com elevado aperto das margens, devido ao aumento dos custos de produção.

O gráfico 1 mostra a evolução da produção, da produtividade e do tamanho do rebanho ordenhado, considerando o ano de 1980 como base 100. Com raríssimas exceções de anos específicos, a produção de leite no Brasil vem crescendo sistematicamente ao longo do período estudado. Em 2021, cerca de 41 anos, a produção de leite no Brasil cresceu 311%, considerando as estimativas de queda da ordem de 2% naquele ano. Note que o crescimento da

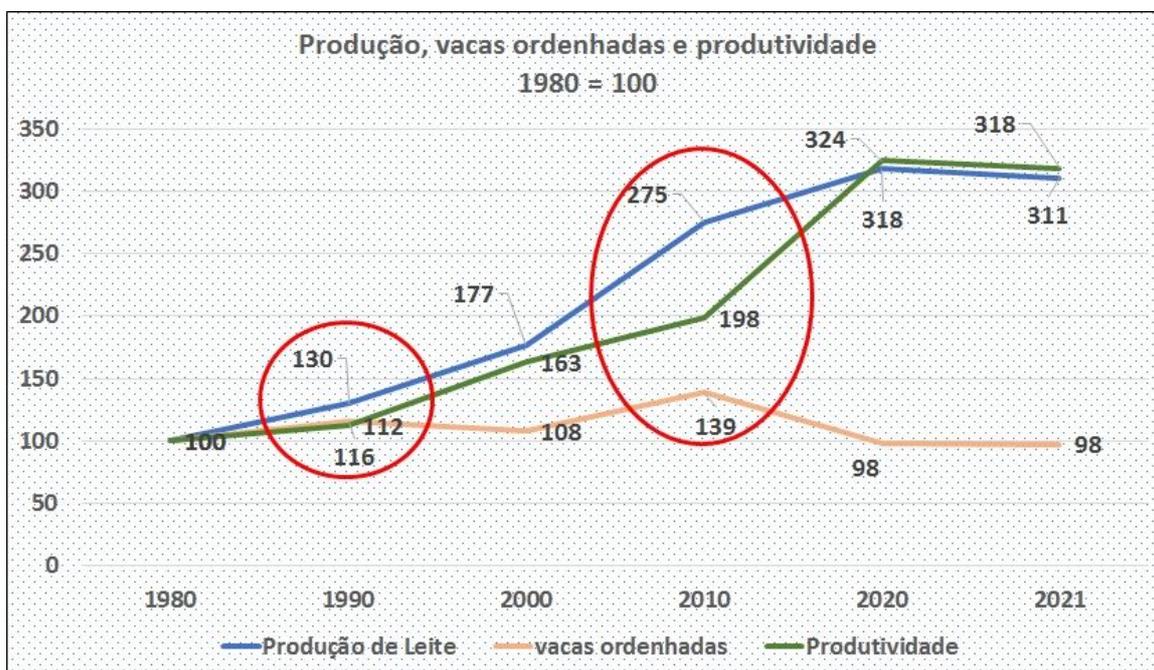


estudado. Até 1990 o crescimento da produção foi explicado, praticamente de forma igual, por ambas as variáveis, produtividade e tamanho do rebanho, sendo que a primeira cresceu mais que a segunda, 16% e 12%, respectivamente. No período subsequente, 2000, houve uma diferenciação significativa entre essas variáveis explicativas da produção, por conta do crescimento da produtividade e decréscimo do tamanho do rebanho. **A produtividade passa a ser a variável explicativa única do aumento da produção por conta da redução do rebanho e aumento da produção.** Enquanto a produtividade cresceu, até então em 64%, o tamanho do rebanho cresceu apenas 8% em relação ao ano base, mas experimentou uma redução de 6,4% sobre o número de vacas ordenhadas no período anterior.

No período de 2000 a 2010 tanto a produtividade quanto o tamanho do rebanho são relevantes para explicar o aumento de 275% da produção em referência ao ano base. A produtividade atingiu 98% de crescimento e o rebanho 39% em relação ao ano de 1980. Entretanto, o crescimento relativo do rebanho no período, foi maior do que o da produtividade, mesmo sendo esta, ainda, a variável explicativa mais importante do crescimento da produção. Nos dez últimos anos a produtividade se destaca de tal ordem que passa a ser a única variável explicativa do crescimento da produção de leite que atingiu 311% em relação ao ano base. O rebanho, em 2020, decresceu 29,5% em relação ao período anterior e 2% em relação ao ano base, devolvendo todos os aumentos dos períodos anteriores. Por outro lado, a produtividade cresceu 49% em relação ao período anterior e chegou a 318% em relação ao ano base, um crescimento espetacular, sendo a única variável explicativa da produção de leite no Brasil no período. A redução do rebanho, com aumento da produção e da produtividade, é a certeza da profissionalização da produção de leite no Brasil. Isto implica em produção de um alimento denso em conteúdos alimentares e com menor impacto ambiental e menor pegada de carbono, pela redução do plantel.

Gráfico 1: Produção, produtividade e número de vacas ordenhadas de 1980 a 2021 (1980 = 100).





Fonte: IBGE e Embrapa Gado de Leite. Dados organizados pelos autores. 2021 (estimativa)

Considerando que a produtividade média brasileira, da ordem de 2.600 litros/vaca/ano é ainda **muito baixa em relação a outros países com pecuária leiteira avançada**, e considerando ainda, que existem fazendas no Brasil com nível tecnológico igual aos países de pecuária mais moderna, pode-se dizer que há um enorme espaço de crescimento para médios e pequenos produtores. Isto implica afirmar que a tecnologia existe e está disponível, o desafio é poder adotá-la e saber manejá-la de forma a torná-la economicamente viável nas condições e particularidades das diferentes propriedades. No certo é que, **a cadeia agroalimentar do leite no Brasil caminha a passos largos** para ocupar um lugar de destaque no mercado internacional, figurando como a “bola da vez” do agronegócio nacional.

Comentários dos assinantes

Envie seu comentário



Mais em **Análises**

ENVIAR



Ernesto k

Meus parabéns
gente convive c

real que a

Condições climáticas observadas no verão e previstas para o outono de 2022

Publicado em 17/05/2022

Veja nesta análise: os efeitos causados
pelos problemas climáticos na agropecuária
e as expectativas para o outono de 2022.

LEIA MAIS

Um panorama recente do
consumo de lácteos no Brasil



Veja nesta análise: o derivado lácteo que surpreendeu durante a pandemia ao se

manter nas cestas de consumo brasileiras e porque isso aconteceu.

LEIA MAIS

Relação indústria - produtor de leite: como estamos e para onde vamos?

Publicado em 27/04/2022

Quais são os principais desafios e oportunidades no relacionamento entre indústria e produtor de leite? O MilkPoint Mercado fez uma pesquisa para elucidar esses pontos. Veja nesta análise!

LEIA MAIS

